

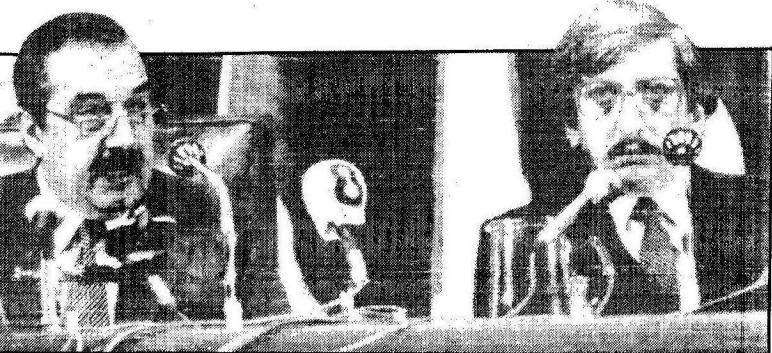
Alfonsín propõe

Plano Marshall para América Latina

MAR DEL PLATA, Argentina — O Presidente da Argentina, Raúl Alfonsín, propôs ontem um diálogo construtivo entre países credores e devedores para evitar que o agravamento do problema da dívida externa

latino-americana provoque "uma ruptura de consequências imprevisíveis para o sistema bancário" internacional. Ele defendeu a criação de um programa de recuperação econômica para a região, nos moldes do plano Marshall, (adotado para a reconstrução da Europa depois da Segunda Guerra Mundial) e sugeriu a fixação de uma data para uma reunião de cúpula entre pobres e ricos sobre o assunto.

Ao discursar na abertura da segunda rodada de negociações entre Chanceleres e Ministros da Fazenda de 11 países da América Latina, Alfonsín afirmou que o atraso nos pagamentos dos débitos externos, em muitas nações, se deveu ao empobrecimento da região. Em pronunciamento considerado moderado, o Presidente argentino ressaltou que sua proposta não significa um confronto com os credores e esclareceu que os latinos-americanos não pretendem repudiar suas dívidas, nem formar um clube de devedores.



Alfonsín (à esquerda) e o Chanceler Caputo, em Mar del Plata

O Chanceler brasileiro, Raimundo Saraiva Guerreiro, concordou com a proposta de diálogo entre endividados e credores, mas rejeitou a sugestão de que se fixe uma data para uma reunião entre Chefes de Governo. A ideia dividiu os participantes do encontro de Mar del Plata e, em Washington, o governo americano já informou que não enviará representantes a um encontro de cúpula desta natureza, embora apóie o diálogo através dos organismos internacionais.

Cinco dos países presentes — Brasil, Argentina, México, Colômbia e Venezuela — preparam o rascunho de um documento de sete pontos que será analisado pelos ministros até hoje à tarde. O principal ponto do documento é a proposta do Presidente colombiano, Belisário Betancur, para que se crie, no âmbito do Fundo Monetário Internacional (FMI) um mecanismo de compensação, através do qual os devedores possam obter empréstimos de longo prazo e a juros baixos para pagar o serviço da

dívida, sempre que as taxas de juros internacionais subirem acima de determinado limite.

Acredita-se que os 11 participantes — que integram o chamado Grupo de Cartagena (cidade colombiana onde se realizou, em junho, a primeira reunião sobre o endividamento latino-americano) — analisarão também as condições obtidas pelo México em seu recente acordo de refinanciamento com 550 bancos internacionais.

● A Argentina "não abriu mão de seus princípios fundamentais" ao firmar acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI) para a adoção de um novo programa de austeridade econômica. "Não permitirá, tampouco, que o peso da dívida externa recaia sobre o trabalhador, nem aceitará receitas recessivas". A afirmação foi feita ontem pelo Presidente Raúl Alfonsín. O acordo, anunciado quarta-feira à noite, será assinado em poucos dias. O país comunicou aos bancos credores que seu governo não poderá pagar os US\$ 750 milhões — parte de um crédito de US\$ 1,1 bilhão que vencem amanhã.